

AS EXPERIÊNCIAS EM ARTES VISUAIS: DESENHOS DE CRIANÇAS E A IDENTIDADE CULTURAL QUILOMBOLA

Raquel Rodrigues Pinheiro da Luz¹

Rita de Cássia Cabral Rodrigues de França²

RESUMO

Este estudo é um recorte da pesquisa de mestrado profissional em Artes. Objetivou analisar as produções artísticas das crianças quilombolas centradas na identidade cultural da comunidade do Rio Itacuruçá/PA, desenvolvidas em uma escola pública nas aulas de Artes Visuais, de agosto a dezembro de 2025. A metodologia é qualitativa descritiva, análise de conteúdo com Bardin (2016), as categorias elencadas são: etapas do desenho infantil, temática quilombola, identidade cultural. As referências basilares com Ferraz e Fusari (2009) para o ensino de Artes Visuais, o desenho com Edith Derdyk (1989), identidade com Gomes (2006) e Silva (2014), currículo decolonial Oliveira e Candau (2018). Como resultados, considerando que a Lei nº 10.639/2003 foi sancionada há mais de vinte anos, no entanto, observa-se que o racismo ainda está presente dentro das escolas; há um baixo índice de estudos acadêmicos sobre os anos iniciais do Ensino Fundamental I em comunidades quilombolas que abordem uma narrativa na perspectiva decolonial por meio da expressão visual da identidade cultural local.

Palavras-chave: Artes Visuais; Desenho; Ensino Fundamental I; Identidade; Quilombola.

INTRODUÇÃO

Este estudo é um recorte da pesquisa de mestrado profissional em Artes. Se propõe a analisar as produções dos desenhos dos estudantes quilombolas centrados na identidade cultural da comunidade do Rio Itacuruçá/PA, desenvolvidas em uma escola pública nas aulas de Artes Visuais no período de agosto a dezembro de 2025. Busca responder à questão problema: A experiência exploratória do estudante sobre a sua comunidade quilombola e a produção visual por meio dos desenhos contribuem para que elas desenvolvam senso estético e crítico do conhecimento de si mesmo e de sua identidade cultural?

Este questionamento surgiu antes de adentrar no Programa de Pós-Graduação em Artes/ProfArtes da Universidade Federal do Pará, no curso de Mestrado. Foi na minha prática de professora de Artes Visuais, em uma escola dentro de uma comunidade quilombola que diante de algumas atitudes preconceituosas dos estudantes, ativou a minha memória de infância. Trago comigo guardado na alma atitudes de discriminação, de racismo que sofri pelos colegas da minha turma, tinha momentos que eu queria negar a minha identidade negra.

¹ Docente da rede estadual. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará/ProfArtes/UFGPA. E-mail: raquel.rodriguesluz01@gmail.com

² Docente da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará e do Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Artes/ProfArtes/UFGPA. E-mail: rcabralfranca12@mail.com

O olhar dos colegas que me discriminavam porque o meu cabelo era bem agarrado e até mesmo chamavam rindo (cabelo de bombril), como se fosse uma “brincadeira”³, na época, até a professora dizia para deixar para lá, como se a discriminação que sofri fosse normal, mas eu nunca esqueci. Esta experiência negativa que vivenciei na comunidade quilombola, já como professora de Artes Visuais, me instigou a pensar em uma prática educativa com um currículo em Artes Visuais decolonial.

Nesse sentido, quando consegui entrar para cursar no Programa de Pós-Graduação o Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional/ProfArtes na Universidade Federal do Pará/UFPa, refleti sobre a escola está localizada dentro de uma comunidade quilombola, considerando que os estudantes são descendentes de negros, precisam vivenciar no cotidiano a história e cultura da ancestralidade dos povos da diáspora africana, não cabe atitudes preconceituosas entre os estudantes. Mas como a escola quilombola inseriu no currículo a história e cultura afro-brasileira e africana? será que a identidade das crianças negras quilombolas tem sido trabalhada na escola de forma positivada? a produção visual por meio dos desenhos contribuem para que elas desenvolvam senso estético e crítico do conhecimento de si mesma e de sua identidade cultural?

Este estudo tem como intento responder tais questões, porém, movida pelo interesse na literatura a respeito de resultados sobre a temática: educação, identidade negra no Ensino Fundamental I, foi observado a carência de pesquisas, principalmente no componente curricular Artes Visuais. Portanto, este estudo configura-se relevante para o meio acadêmico e social. Pois as questões elencadas a cima provocam reflexões sobre o racismo sofrido por diversas crianças nos espaços sociais como a escola. Mas, o que é o racismo afinal? Para Moreira (2019) o racismo significa estigmatizar, censurar, condenar, rotular de forma negativa ou marginalizar alguém por meio dos traços fenotípicos que representam a raça/cor de pessoas ou grupos raciais. Assim, o autor afirma de forma contundente:

O racismo é um sistema de exclusão que opera por meio da estigmatização de grupos populacionais que são racializados por possuírem determinadas características fenotípicas em comum. Elas são representadas como traços negativos a partir dos quais muitos membros do grupo racial dominante passam a atuar, o que ocorre em quase todas as esferas da vida de minorias raciais. Estigmas raciais são reproduzidos de forma ativa e passiva, estando presentes não apenas nas falas de indivíduos particulares, mas também em diversas produções culturais de forma direta ou encoberta (Moreira, 2019, p. 44).

Conforme Moreira, o destaque das características fenotípicas nas falas dos estudantes sobre o meu cabelo crespo ou de outras crianças negras da comunidade, são estigmas que desvalorizam uma pessoa ou grupo racial, assim, demarcam o lugar de superioridade de uma pessoa ou um grupo e de inferioridade do outro. As lembranças do racismo que as crianças não deixaram para trás, serviram de *insight* para pensar a pesquisa e formas de combater o racismo na escola e quiçá na comunidade quilombola do Rio Itacuruçá/PA.

Dito isto, Trabalhar como professora de Artes Visuais na educação básica nos anos iniciais, no ensino fundamental, devido à minha experiência na infância como criança negra e a discriminação que presenciei na comunidade quilombola, provocou-me o interesse pela pesquisa exploratória com as crianças por meio das produções artísticas, como os desenhos.

METODOLOGIA

³ Por décadas, com a desculpa de ser “brincadeira”, as crianças sofriam nas escolas racismo sem que os professores soubessem abordar essa questão. Piadinhas que falam negativamente do cabelo, da cor, por exemplo, é racismo. O jurista Adilson Moreira (2019) cunhou as ditas “brincadeiras” de Racismo recreativo, que precisa ser combatido nas escolas por ser permissivo aos grupos raciais. Para o autor, sobre o racismo recreativo: “Ele deve ser visto como um projeto de dominação que procura promover a reprodução de relações assimétricas de poder entre grupos raciais por meio de uma política cultural baseada na utilização do humor como expressão e encobrimento de hostilidade racial” (Moreira, 2019, p. 95).

A metodologia é de natureza qualitativa descritiva, pois Severino (2007, p. 119), afirma que “Várias metodologias de pesquisa podem adotar uma abordagem qualitativa[...]”. O que se aplica a esta, mais pela abordagem epistemológica que faz. E para a fundamentação da ideias teóricas, tem como base os autores: as ideias de Ferraz e Fusari (2009) para o ensino de Artes Visuais, sobre o desenho com Edith Derdyk (1989), Moreira (1993), o conceito de identidade com Gomes (2006) e Silva (2014), currículo e pedagogia decolonial com Walsh; Oliveira; Candau (2018), para a análise de conteúdo com Bardin (2016) e as categorias inicialmente elencadas foram: etapas do desenho infantil, temática quilombola, identidade cultural.

O contexto desta pesquisa é a escola EMEIF Professora Manoel Pedro Ferreira, por estar situada em área quilombola no ramal do Médio Itacuruçá, município de Abaetetuba. Os participantes da pesquisa são os estudantes da turma do 4º ano do Ensino Fundamental I anos iniciais. As coletas de dados acontecem em três momentos: primeiro: as imagens produzidas pelas crianças da comunidade objetivando reconstruir a partir do imaginário infantil um espaço de preservação da cultura ancestral, ressaltando o desenho como registro de memória, o meio social e o espaço quilombola, lugar e espaço de partilha de conhecimento; segundo: é a roda de conversa com os estudantes, buscar as percepções sobre a história e cultura afro-brasileira; terceiro, a cultura visual quilombola, saberes da sua comunidade e identidade negra,

DISCUSSÕES NECESSÁRIAS

Fomentar o debate nas aulas de Artes Visuais, sobre a identidade de criança negra dentro do ambiente escolar quilombola, desvela a importância da escola ter convivência respeitosa com a diversidade, valorizar a identidade cultural local e perceber uma educação diferenciada sob a influência da história e cultura do povo negro que se aquilombou como forma de resistência. Nesse sentido, trazemos a reflexão de Barbosa (2014, p. 34), pois consideramos fundamental conhecer os elementos da arte e a história do povo, pois: “Sem o conhecimento de arte e história não é possível a consciência de identidade nacional”. A vivência pelas crianças da história, da cultura do negro e a conquista do título de quilombo pela comunidade, reverberam no forjamento da identidade negra, de sentimento de pertencimento, reconhecimento e valorização da identidade da criança quilombola. Isto porque, compreende-se que a criança constrói a sua identidade negra na mesma concepção de Gomes (2005), nas relações sociais dela com os outros, como afirma a autora:

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro (2005, p. 43).

Assim, é evidenciado que a construção da identidade negra é um processo complexo de trocas de experiências que podem levar à internalização de imagens de vivências de preferência positivas, como a representação da imagem da contribuição do negro para a economia e cultura do Brasil. Nessa direção corrobora França (2024, p. 207) quando defende que: “Conhecer as características e simbologias da arte e cultura afro-brasileira ajuda a compreendermos quem somos e qual a identidade do povo brasileiro”. É significativo dentro do espaço escolar no componente curricular Artes Visuais mostrar e produzir imagens que subvertam os estereótipos. Dessa forma, os estudantes podem construir outros valores sobre o povo negro. Nessa perspectiva, contribui Iavelberg (2003, p. 28), pois entende que é nas relações, no diálogo “uns com os outros” que se constroem os princípios, respeito: “Os valores e as atitudes são aprendidos pela interação com os outros. Bons modelos favorecem a incorporação de condutas e sentimentos de respeito mútuo. Valorização da diversidade e reconhecimento das especificidades das culturas”.

Sendo assim, importante apresentar a escola EMEIF Professor Manoel Pedro Ferreira que é o contexto desta pesquisa, situada no quilombo Rio Itacuruçá Médio por ter uma cultura diferenciada. A Educação em Escola Quilombola é balizada por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996. Ao incorporar uma dimensão pedagógica a qual reconhece as contribuições das diversas manifestações culturais na formação do país com ênfase nas matrizes indígenas, africanas e europeia, defende um currículo que considere as diversas culturas presentes no espaço escolar. Estas orientações ganham força legal ao serem implementadas pela Lei nº 10.639/2003 e a Lei nº 11.649/2008, como política educacional de estado no que tange à obrigatoriedade da inclusão da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena nos currículos da Educação Básica.

Diante dessas afirmações sobre a política educacional para a educação das relações étnico-raciais de combate a preconceito, racismo e discriminação, abordar essas questões com estudantes dos anos iniciais por meio do desenho, certamente virá à tona várias questões, inclusive o racismo recreativo, que já se sabe, não é “brincadeira”. Por sua vez, o desenho configura-se como um dos principais instrumentos de manifestação do imaginário infantil, atuando como linguagem e forma de registro da experiência (Derdyk, 1989). A autora corrobora esclarecendo que o processo gráfico infantil, desde o rabisco, passa por etapas de desenvolvimento onde a criança adquire o domínio do traço, do movimento e do que acerca, para desenhar na sua superfície a representação simbólica do que ver. O desenho torna-se, então, o campo para a leitura dos significados que o estudante atribui à sua identidade e ao seu pertencimento quilombola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito na introdução, são resultados parciais, contudo, mostra que nesta pesquisa, o ensino de Artes Visuais não se restringe à técnica, mas articula-se à política cultural da escola quilombola. A disciplina possui o potencial de atuar como pedagogia decolonial, combatendo o racismo ao construir narrativas visuais positivas (Gomes, 2006). O professor de Artes Visuais, ao propor o desenho com representações estéticas visuais locais, incentiva a criança negra a valorizar sua própria estética e ancestralidade, revertendo os estigmas impostos pela sociedade. A arte na educação é uma forma de cognição que promove a identificação cultural e o desenvolvimento individual, permitindo à criança analisar criticamente a realidade percebida (Barbosa, 2012). A abordagem decolonial requer que a prática docente se volte para a valorização da diversidade, desafiando concepções universais e eurocêntricas.

Nenhuma criança nasce com o sentimento de pertencimento a um local, ou comunidade, ou grupo social, ou valorizando a sua identidade negra, mas se vivenciar na escola quilombola uma abordagem fundamentada pelos professores da história, da cultura do negro e a conquista do título de quilombo pela comunidade, certamente reverberam positivamente no forjamento da identidade do estudante negro e cresce o sentimento de pertencimento à comunidade.

Este estudo não se esgota nas questões levantadas, ao contrário, há carência de estudos no contexto do ensino fundamental em Artes Visuais sobre as relações étnico-raciais e em comunidades quilombolas, assim, provoca outras pesquisas. O professor de Artes Visuais ao incorporar em sua prática educativa as dimensões que reconhece as contribuições das diversas manifestações culturais na formação do país com ênfase nas matrizes indígenas, africanas e europeia, defende um currículo decolonial, que considera as diversas culturas presentes no espaço escolar, fato que certamente contribui para a autoestima identitária dos diversos povos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte: anos oitenta e novos tempos**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BRASIL. **Decreto Executivo Nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta m procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 de novembro de 2003b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm. Acesso em: 10 maio 2021.

BRASIL, **Lei nº 9.394/1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Ministério da Educação. 1996.

BARBOSA, Ana Mae Barbosa,

DERDYK, E. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1989.

FRANÇA, Rita de Cássia Cabral Rodrigues de. **Representações dos/as docentes sobre as práticas educativas: as relações étnico-raciais no contexto do curso de licenciatura em artes visuais da UFPA / Tese de Doutorado**. Cursado no Programa de Pós-Graduação PPGARTES/UFPA. 2024.

GOMES, Flavio. **Palmares escravidão e liberdade no Atlântico sul**. São Paulo; contexto ,2019.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília, DF: MEC/SECAD, 2005. p. 39-62.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. – 23. ed. Ver. E atual. – São Paulo: Cortez, 2007.